



ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES
E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL



A SEMANA SANTA

Uma breve explanação

*Madre Maria e Kallistos Ware
(Metropolita Titular de Diokleia)*



O SÁBADO DE LÁZARO

Este dia, com o Domingo de Ramos, ocupam um lugar especial entre a Quaresma e a Semana Santa. A Igreja celebra esses dois dias de alegria e triunfo que seguem os quarenta dias de penitência e que antecedem os dias sombrios de sofrimento que seguirão na Semana da Paixão. No sábado que antecede o Domingo de Ramos celebra-se a ressurreição de Lázaro em Betânia (Jo 2:1-46). Este milagre de Cristo é uma reafirmação aos seus discípulos antes de sua iminente Paixão: eles precisam compreender que, mesmo estando prestes a sofrer e morrer, Ele é o Senhor e é vitorioso sobre a morte. A Ressurreição de Lázaro é uma profecia em forma de fato que prefigura a própria Ressurreição de Cristo oito dias depois e, ao mesmo tempo, antecipa a ressurreição de todos os justos no último dia: Lázaro "*é o primeiro fruto da salvação e regeneração do mundo*", como enfatiza o texto litúrgico.

O milagre em Betânia revela as duas naturezas de Cristo, o *Teanthropo*¹. Cristo pergunta onde puseram Lázaro e chora por ele, mostrando assim a plenitude de sua humanidade, participando *voluntariamente* da ignorância humana e manifestando um autêntico desconsolo para com um amigo amado. Também nos revela a plenitude de seu poder divino: Cristo ressuscita Lázaro da morte, mesmo já estando seu corpo em estado de degeneração. Esta é uma perspectiva factual sobre a dupla plenitude da hipóstase do Logos: a divindade e a humanidade do Senhor permanecem evidentes durante a Semana Santa.

O DOMINGO DE RAMOS

"Bendito aquele que vem em nome do Senhor": esta é a festa de Cristo, o Rei, que é alegremente acolhido pelas crianças em sua entrada em Jerusalém, mas também por todos nós em nossos corações. *"Bendito é aquele que vem..."*, que vem não tanto do passado, mas do futuro: porque no Domingo de Ramos damos boas-vindas não só ao Senhor que entrou em Jerusalém montando um jumentinho há muito tempo, mas também o Senhor que voltará em seu poder e admirável glória, como o Rei do século futuro. Palmas e ramos são abençoados e as levamos em nossas mãos juntamente com as velas para a sequência dos ofícios litúrgicos. O início do seguinte *stichirá* é repetido várias vezes durante o ofício: *"Neste dia a graça*

¹ Deus e homem

do Espírito Santo nos reuniu”.

É possível ver aqui a prática de Santo Eutímio, São Savas e de outros monges palestinos dos séculos V e VI. Eles que, após a festa da Epifania deixavam seus monastérios para fazer um retiro quaresmal no deserto, sozinhos ou acompanhados, e se mantinham nas semanas seguintes em silêncio e oração contínua, comendo apenas raízes silvestres. Mas, durante a tarde do sexto sábado da Quaresma, todos voltavam aos seus respectivos monastérios para a Vigília de Domingo de Ramos, a fim de celebrar a Semana Santa com a fraternidade. Em diversas paróquias isoladas no mundo ocidental, algo parecido acontece todos os anos. Membros das paróquias que estão espalhados, vivendo longe das suas igrejas e não podendo participar assiduamente nas liturgias, começam a aparecer na igreja para a Vigília do Domingo de Ramos, e quando a Semana Santa prossegue, seu número vai constantemente aumentando. Que neste Domingo de Ramos, como os monges da Antiga Palestina, nós, no século XX, possamos realmente dizer: *“Neste dia a graça do Espírito Santo nos reuniu”.*

A SEGUNDA-FEIRA SANTA

Durante os dias que seguem a Entrada de Jesus em Jerusalém, Ele falou particularmente com seus discípulos sobre os sinais que precederão o Último Dia (Mateus 24 e 25), e este é o tema principal da primeira parte da Semana Santa.

O desafio escatológico dos três primeiros dias da Semana Santa é resumido no Tropário e *Exapostilarion* das Matinas, ambos repetidos três vezes com uma melodia suave e solene: o Tropário *“Eis que o noivo vem no meio da noite...”* é baseado na parábola das Dez Virgens (Mt 25:1-13), enquanto que o *Exapostilarion*, *“Tua câmara nupcial contemplar...”* se baseia na parábola do homem que é expulso por não trajar a veste das bodas (Mt 22:11-13). Aqui se apresenta, em termos especialmente urgentes, o chamado que temos ouvido constantemente durante a Grande Quaresma: o Fim está próximo, sê vigilante; arrepende-te enquanto ainda há tempo.

Na Segunda-feira Santa comemoramos o Patriarca José (Gn 37 e 39-40), cujos sofrimentos inocentes prefiguram a Paixão de Cristo. Também comemoramos a figueira estéril, que o Senhor amaldiçoou (Mt 21:18-20) símbolo do juízo futuro para aqueles que não mostram o fruto do

arrependimento; mais especificamente, um símbolo da incrédula Sinagoga Judaica.

A TERÇA-FEIRA SANTA

Durante a Terça-feira Santa, os textos litúrgicos referem-se principalmente à parábola das Dez Virgens, tema geral desses três dias. Fazem também referência à Parábola dos Talentos que vem imediatamente depois (Mt 25:14-30). Ambos são interpretados como parábolas do Juízo.

A QUARTA-FEIRA SANTA

Na Quarta-feira Santa comemora-se a Mulher Pecadora, que ungiu os pés de Cristo quando Ele se sentou na casa de Simão. Na hinografia deste dia, o relato de Mateus 26: 6-13 é combinado com o de Lucas 7: 36-50 (cf. Jo 12:1-8). O segundo tema do dia é o acordo feito por Judas com as autoridades judaicas: o arrependimento do pecador contrasta com a trágica queda do discípulo escolhido. O *Triodion* deixa claro que Judas pereceu não apenas porque traiu seu Senhor, mas por se recusar a acreditar na possibilidade de arrependimento: *"Em sua miséria ele perdeu sua vida, preferindo a corda ao invés de arrependimento"*. Se lamentamos as ações de Judas, não o fazemos de forma vingativa e moralista, mas sempre conscientes de nossa própria culpa: *"Ó Senhor, livra nossas almas de sua condenação"*.

Em geral, todas as passagens no *Triodion* que parecem ser dirigidas contra os judeus devem ser entendidas desta mesma forma. Quando o *Triodion* denuncia aqueles que rejeitaram Cristo e o entregaram à morte, reconhecemos que essas palavras se aplicam não apenas aos outros, mas a nós mesmos: *Por acaso não traímos o Salvador muitas vezes em nossos corações e O crucificamos novamente?*

Na tarde da Quarta-Feira Santa celebra-se, usualmente, o Mistério da Unção dos Doentes, e todos na igreja são ungidos estando fisicamente enfermos ou não. Como não há uma certa linha de demarcação entre doenças corporais e espirituais, este Mistério concede não apenas a cura corporal, mas a remissão dos pecados, servindo como preparação para receber a Santa Comunhão no dia seguinte.

A QUINTA-FEIRA SANTA

Quatro eventos são comemorados neste dia: o Lava-pés dos discípulos, a Instituição do Mistério da Santa Eucaristia e a Última Ceia, a agonia no Jardim de Getsêmani (os textos litúrgicos não falam muito sobre esse assunto) e a traição de Judas. Em algumas catedrais e monastérios, há uma cerimônia especial do Lava-pés ao final da Liturgia, com o Bispo ou o Abade representando Cristo, e doze sacerdotes representando os apóstolos. No Patriarcado Ecumênico de Constantinopla o Santo Crisma, é consagrado durante a Liturgia deste dia, mas o rito não é feito todos os anos. O significado da Quinta-feira Santa pode ser resumido em um texto de beleza singular, repetido muitas vezes na Liturgia, que combina os temas da Comunhão Eucarística, a traição de Judas, e a confissão do Bom Ladrão: *"De Tua Ceia Mística, Filho de Deus, aceita-me hoje como partícipe, pois não desvendarei teu mistério aos teus inimigos, nem te darei um beijo como Judas, mas como o bom ladrão te confesso: lembra-te de mim, Senhor, quando entrares em Teu Reino"*.

A SEXTA-FEIRA SANTA

Na Sexta-feira Santa comemoramos os sofrimentos de Cristo: o escárnio, a coroa dos espinhos, o flagelo, os cravos, a sede, o vinagre e o fel, o pranto e a desolação, e tudo o que o Senhor sofreu na Cruz, assim como a confissão do bom ladrão. E estes eventos não podem ser separados da Paixão e da Ressurreição. Mesmo neste dia da humilhação do Senhor, buscamos também a revelação de sua glória eterna: *"Veneramos a Tua Paixão, ó Cristo: Mostra-nos também a Tua gloriosa Ressurreição"*. Como vimos, a Cruz e a Ressurreição são aspectos de um mesmo e indivisível ato de salvação: *"Ó Senhor, Tua Cruz é vida e ressurreição..."*.

O Ofício de Matinas de Sexta-feira Santa são geralmente antecipadas para a tarde de Quinta-feira. E tomam uma forma especial, já que contêm uma série de doze Evangelhos que começam com o discurso de Cristo na Última Ceia e terminam com o relato de seu sepultamento. Na tradição helênica há como que um clímax pouco antes do sexto Evangelho, quando o sacerdote carrega a Cruz do santuário e a coloca no centro da Igreja. Esta cerimônia, que teve origem na Igreja de Antioquia, foi mais recentemente adotada em Constantinopla, no ano de 1824; isso não se vê na prática das Igrejas Eslavas. Podemos encontrar neste uso o recurso a uma

representação dramática trazida a um novo plano através do uso não apenas de palavras, mas de ações visíveis. Na manhã de Sexta-feira, os ofícios das Horas tomam uma forma solene, como na véspera de Natal e da Teofania, com leituras do Antigo Testamento, e lê-se uma Epístola e um Evangelho em cada Hora (à maneira grega) ou à tarde (uso eslavo). No final das Vésperas, como anteriormente nas Matinas, na tradição helênica os eventos de Sexta-feira Santa são representados não apenas por palavras, mas por atos dramáticos. O Epitáfio, uma peça em tecido que mostra, pintado ou bordado, a figura de Cristo deitado antes de seu sepultamento, é levado em procissão do santuário para o centro da igreja, e depois é reverenciado pelos fiéis. Na prática atual, nenhuma Liturgia é celebrada na Sexta-feira Santa. Nos tempos antigos, a Liturgia de Pré-santificados era celebrada neste dia.

O SÁBADO SANTO - ANASTASIS

Neste dia comemoramos o sepultamento de Cristo e sua descida ao Hades. Nas Matinas, geralmente celebrada na tarde de Sexta-feira, o clímax litúrgico é atingido com o canto dos lamentos fúnebres – Encômios – a Cristo depositado em seu túmulo, e que é cantado em frente ao Epitáfio no centro da Igreja. O tema predominante neste ofício não é tanto o sofrimento, mas o da vigilante expectativa. No momento, Deus guarda o Sábado descansando em seu túmulo, enquanto esperamos o momento em que se levantará novamente, trazendo vida nova e recriando o mundo:

“Este dia Tu guardas o santo sétimo dia, que abençoaste desde os tempos antigos, descansando de Tuas Obras, ó meu Salvador; Tu, que chamaste todas as coisas ao ser, e fazes nova toda a criação, guardando o descanso do Sábado, e restaurando teu poder.”

Ao final do ofício, todos os fiéis seguem em procissão junto ao Epitáfio ao redor da igreja, cantando *“Santo Deus, Santo Forte, Santo Imortal”*, exatamente como é feito em um funeral, embora isso não seja de forma alguma uma procissão fúnebre. Deus morreu na Cruz, mas ainda assim não está morto. Aquele que morreu, o Verbo de Deus, é a própria Vida, santa e imortal, e nossa procissão noturna simboliza que Ele está fazendo uma peregrinação na escuridão do inferno, proclamando a Adão e a todos os mortos a proximidade de sua Ressurreição da qual eles também serão chamados a compartilhar.

De manhã, e no início da tarde do Sábado Santo, são celebradas as Vésperas e a Liturgia de São Basílio. Os textos da Liturgia Vespertina são dominados por três temas inter-relacionados: Páscoa, Ressurreição e iniciação batismal. Das quinze leituras do Antigo Testamento – que constituem a etapa final da instrução aos catecúmenos que se preparam para o batismo – as leituras 3, 5, 6 e 10 referem-se, direta ou simbolicamente, à Páscoa; as leituras 4, 7, 8, 12 e 15 referem-se à Ressurreição; e as leituras 4, 6, 14 e 15 fazem referência simbólica ao Batismo. O caráter batismal do Sábado Santo também é evidente quando, no lugar do *Triságio*, canta-se: "*Vós todos que em Cristo fostes batizados, de Cristo vos revestistes*"; e na designação da leitura da Epístola (Rm 6: 3-11). E com o verso após a Epístola, "*Levanta-Te, ó Deus, e julga a Terra...*", tem início a celebração da Ressurreição.

No entardecer do Sábado Santo os fiéis se reúnem novamente na igreja, que estará com suas luzes apagadas, para a leitura do livro dos Atos dos Apóstolos; o ofício da Ressurreição é realizado à meia-noite, com todas as luzes da igreja estando apagadas. Todos esperam em silêncio o sacerdote deixar o santuário com uma vela acesa simbolizando o Cristo Ressuscitado. Dá-se, assim, o encerramento do período do *Triodion* e se adentra no período ressurrecional do Pentecostarion.

